

Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

PROPRIEDADES TERAPÊUTICAS DAS PLANTAS AROMÁTICAS EM AMATO LUSITANO: O CARDAMOMO (Medicinal properties of aromatic plants in Amatus Lusitanus: the cardamom)

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO¹ (antmelo@braga.ucp.pt)
Universidade Católica Portuguesa – CEFH

RESUMO – Após uma breve introdução de contextualização histórica, é propósito deste trabalho expor algumas conclusões atinentes ao tema indicado, dando conta, nomeadamente, de uma referência ao médico e botânico italiano Pietro Andrea Mattioli que escreveu a *Apologia* contra o seu contemporâneo Amato Lusitano.

PALAVRAS-CHAVE – Humanismo Médico; Amato Lusitano; cardamomo; Dioscórides; Mattioli.

ABSTRACT – After a brief introduction of historical context, it is the purpose of this paper to present some conclusions relating to the stated theme, giving account, namely, of one reference to the Italian botanist and physician Pietro Andrea Mattioli who wrote the *Apologia* against his Portuguese contemporary Amatus Lusitanus.

KEYWORDS – Medical Humanism; Amatus Lusitanus; cardamom; Dioscorides; Mattioli.

0. AMATO LUSITANO, CRISTÃO-NOVO E MÉDICO HUMANISTA

Amato Lusitano é um afamado médico da sua época e um dos comentadores mais importantes do tratado *De materia medica* de Dioscórides, que descreve 794 plantas, 104 animais e 105 minerais. A sua notoriedade chegou mesmo a concitar a inimizade de um célebre autor de Siena, tradutor e também comentador deste tratado grego, Pietro Andrea Mattioli, como se irá ver.

O médico português, de seu nome de batismo, João Rodrigues de Castelo Branco, é natural de Castelo Branco, onde nasceu em 1511. Fez os seus estudos em Salamanca, atraído pela sua fama e proximidade, mas também pelo ambiente que ali se vivia, pois aqui, entre os numerosos estudantes portugueses, havia um grupo significativo de cristãos-novos; todos eles muito haviam de contribuir para a renovação do movimento humanista português, com especial

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (UID/FIL/00683/2013), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e do projeto de I&D «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

enfoque para o excecional grupo de escolares de ascendência hebraica, com percursos individuais brilhantes, quer em Portugal, quer na diáspora sefardita: Amato Lusitano, António Luís, Diogo Pires, Duarte Gomes, Luís Nunes de Santarém, Manuel Lindo, Manuel Reinel e Tomás Rodrigues da Veiga². Daí a feição cosmopolita do humanismo português, um humanismo de expatriados e de estrangeirados³, numa Europa sem fronteiras, em que o Latim era a língua comum do seu quotidiano.

Em 1532, Amato Lusitano conclui a sua formação em Artes e Medicina, no Estudo de Salamanca, e regressa a Portugal, com o seu companheiro Duarte Gomes⁴. Entre nós, vai entregar-se ao exercício da clínica e, no âmbito desta atividade, parece ter calcorreado algumas regiões, nomeadamente as Beiras, o Ribatejo e a Estremadura, as quais se transformaram numa ocasião propícia para estudar e aprofundar os seus conhecimentos acerca da fauna, da flora e dos minerais. Em Lisboa, na casa da Índia, aproveita para examinar os simples e as drogas que ali aportavam, provenientes da Índia e do Brasil⁵.

Com efeito, os descobrimentos portugueses favoreceram o desenvolvimento da ciência e a afirmação de um novo espírito, de natureza científica, que tanto havia de beneficiar com a valorização crescente do experimentalismo como critério de verdade, numa atitude que tantas vezes contrariava a *auctoritas* dos Antigos e que ganhava expressão, entre nós, na primeira metade do século XVI⁶, com Pedro Nunes, famoso cosmógrafo, D. João de Castro ou Garcia da Orta, cujo pensamento sobre *materia medica* acaba de ser objeto de um estudo comparativo com Amato Lusitano⁷. Uma mentalidade na esteira de Duarte Pacheco Pereira que, logo no início deste século, nas páginas do *Esmeraldo de Situ Orbis*, havia de insistentemente sublinhar o valor da experiência humana, como nesta passagem do capítulo segundo, do primeiro livro, que se há de repetir de diversas maneiras, conforme transcrição feita a partir do manuscrito 888, fólio 6r, disponibilizado pela Biblioteca Nacional, nas coleções digitalizadas: “... e alem do que dito he ha expiriencia que he madre das cousas nos desengane e de toda duuida nos tira...”.

Dois anos após o regresso de Amato Lusitano à sua pátria, começam a adensar-se as nuvens ameaçadoras de um clima de intolerância religiosa crescente, agravadas com o estabelecimento próximo do Tribunal do Santo Ofício, por bula do Papa Paulo IV, no reinado de D. João III. É assim que, consciente do futuro sombrio que se avizinhava, o médico albicastrense se vê obrigado a partir para Antuérpia, onde chega em outubro de 1534. Mesmo assim, à sua

² Andrade 2007: 88-131.

³ André 2013: 38.

⁴ Andrade 2011: 92-94.

⁵ Gouveia 1985: 7.

⁶ Almeida 1998.

⁷ Andrade 2015: 147-166.

chegada a este empório comercial dos Países Baixos, acabaria por ser preso pela Inquisição, acusado de ser cristão-novo, na observância de disposições legais decretados pelo imperador Carlos V. Em janeiro do ano seguinte, porém, seria ilibado de todas as acusações⁸.

Em Antuérpia, a mais célebre praça de comércio de toda a Europa (*Antuerpiam, celeberrimum totius Europae emporium*)⁹, assim designada por Amato na Cura II da Primeira Centúria, a par do exercício da clínica médica, vai envolver-se nos negócios do seu tio Henrique Pires, um importante mercador, cristão-novo, natural de Évora. O seu contacto com vendedores e compradores proporcionou-lhe a ocasião única de recolher informações ou amostras de toda a espécie de substâncias e, com isso, aprofundar os seus conhecimentos da botânica e da história natural das drogas. Com efeito, no início do *Index Dioscoridis*, ele próprio confessa com amargura que a falta de conhecimento dos ‘simples’ em Portugal e na vizinha Espanha em nada contribuiu para um maior progresso da sua arte, para um conhecimento mais aprofundado da botânica e da história natural das drogas, (*Dolet mihi non mediocriter quod non maiorem noscendis simplicibus in Lusitania iuxta atque Hispania, opram navaverim ut maior mea posset esse facultas, hisce praecipue patrocinandi, quibus herbarum cognitiones sunt cordi...*)¹⁰, como há muito já o anotou Maximiano Lemos¹¹.

1. O INDEX DIOSCORIDIS

É neste contexto que Amato Lusitano vai publicar o seu primeiro livro em 1536, o único a ostentar o seu nome de batismo no frontispício que, abreviadamente, dá pelo nome de *Index Dioscoridis*. Este pequeno tratado apresenta as primícias do seu pensamento, resultantes da leitura que ele fez do tratado grego de Dioscórides, que em tradução latina dá pelo título de *De materia medica libri quinque*. Na portada daquele seu pequeno livro, o médico albacastrense identifica os públicos a quem pode interessar a sua leitura: aos médicos, boticários e perfumistas, por um lado; por outro, aos amantes dos *studia humanitatis* (*nedum medicis et myropoliorum seplasiarijs sed bonarum literarum studiosissimis perquam necessarium opus*).

Neste passo, veja-se a menção específica às *litterae humaniores*, um tópico caro ao renascimento humanista, pois é nos autores gregos e latinos que os eruditos de Quinhentos se inspiram, neles vão haurir o modelo antropológico, estético, cultural e pedagógico, que conduz a Literatura Clássica a um lugar de renovada importância. Por isso, os futuros médicos, no Renascimento, em primeiro

⁸ Andrade 2010: 22-29.

⁹ Amato 1564: 37.

¹⁰ Amato 1536: fl. 2v (Lib. I, Philologia 3).

¹¹ Lemos 1927: 6.

lugar, faziam uma apurada formação escolar em Artes, isto é, em Humanidades Clássicas. E assim, fazendo jus ao seu epíteto de humanista, Amato Lusitano há de escrever as suas reflexões na grande língua de comunicação da sua época, o Latim, sempre muito atento à nobreza da sua *latinitas*, de que ele próprio nos dá notícia na Cura LXX da Quinta Centúria: [...] *ut commentariis meis, quos supra Auicennae Fen quarta, libri primi conscripsi, uberius dixi, praefixo etenim Auicennae textu, per Iacobum Mantinum haebreum, fideliter uerso, et a nobis reuiso, et latiniore facto [...]*¹², isto é, ... *como foi desenvolvidamente dito nos meus Comentários, que escrevi sobre a Fen Quarta do Livro I de Avicena, depois de reproduzido o texto de Avicena, fielmente traduzido pelo hebreu Jacob Mantino e por mim revisto e apresentado em latim mais puro...*¹³

Esta sua preocupação pela qualidade do latim dos textos que elabora, com destaque para as questões filológicas, a menção aos diversos contributos dos descobrimentos portugueses para a revolução cultural e científica dos séculos XV e XVI, assim como o uso da forma latinizada do apelido de família *Amatus Lusitanus*¹⁴, em lugar do nome de batismo, tudo isto são provas eloquentes da sintonia com a época em que vive, isto é, a sua integração na mundividência do renascimento humanista europeu.

A *dispositio* textual deste pequeno tratado, o *Index Dioscoridis*, muito ficará a dever a este espírito humanista: para cada entrada, há três elementos distintos, a apresentação do nome das plantas em diversas línguas (*Philologia*), um resumo do texto de Dioscórides (*Historia Dioscoridis*) e a opinião de Amato (*Iudicium nostrum*). Contudo, o texto da epígrafe *Historia Dioscoridis*, como nós próprios comprovámos, já está, geralmente, na tradução latina do texto de Dioscórides feita pelo humanista da República de Florença, Marcelo Virgílio; isto é, trata-se de um excerto, *ipsis verbis*, como se pode apurar pelo minucioso estudo feito por João Torrão; na opinião deste investigador, João Rodrigues de Castelo Branco terá usado para a edição do *Index* a edição de Basileia de 1529 dos Comentários de Marcelo Virgílio ao *De medica materia* de Dioscórides¹⁵. Da mesma época, podem citar-se outros nomes importantes que se dedicaram ao estudo do tratado *De materia medica* de Dioscórides, como João Ruélio, Ermolao Barbaro, Andrés Laguna ou o italiano já citado Pietro Andrea Mattioli (Fausti 2010: 181-205), num contexto de recuperação das obras de medicina greco-latina e em oposição à medicina escolástica medieval, particularmente contra os autores árabes, acusados pelos humanistas de terem deturpado a interpretação dos textos gregos, como já observou António Andrade¹⁶.

¹² Amato 1560: 106-107.

¹³ Amato 2010, II: 175.

¹⁴ Andrade 2010: 12-13.

¹⁵ Torrão 2013: 609.

¹⁶ Andrade 2013: 71-90.

1.1. O cardamomo

Esta planta é a *Elettaria cardamomum* (L.), uma planta aromática, da família do gengibre (*zingiberaceae*), de origem asiática (nativa da Índia), que Lineu designou por *Amomum cardamomum* L. Amato vai proceder à sua apresentação na entrada XIV do Livro Primeiro do *Index Dioscoridis*, fls. 6v-7r.

O pendor filológico, a preocupação pelo uso correto das palavras pode descobrir-se logo na epígrafe encimada por *Philologia XIV*, onde o médico cede o lugar ao artífice da palavra, na busca dos diferentes nomes por que é conhecida a planta nas diversas línguas:

Graecanice, *amomon*; Latine, *amomum*, *rosa Hiericontis*; Gallice, *rose de Hierico*; succedaneum *amomi*, *accori radix*, *calamus aromaticus*.

Em grego, *amomon*; em latim, *amomum*, *rosa Hiericontis*; em francês, *rose de Hierico*. O substituto do cardamomo é a raiz do ácoro, o cálamo aromático (*Acorus calamus* L.).

A integração do cristão-novo albicastrense no movimento humanista manifesta-se não apenas pelas autoridades antigas citadas, mas também pelas contemporâneas, em diálogo permanente com elas, sobrepondo à erudição livresca o valor da observação e da experiência, como se há de demonstrar, mais à frente.

Assim, logo ao parágrafo da *Philologia*, segue-se um pequeno texto que resume o pensamento de Pedânio Dioscórides (? – c. 56 d. C.) acerca desta matéria, precisamente intitulado *Historia Dioscoridis*, o que lhe confere um lugar destacado, plenamente justificado à luz das condições da época:

Amomon frutex exiguus est, ex ligno uvae, modo inseipsum convolutum, exiguum quendam habet florem, candidae violae similem, folia vero labruscae viti, quam brioniam dicunt.

O cardamomo é um pequeno rebento, como se fosse um lenho da videira, volvendo-se logo sobre si mesmo; exhibe uma espécie de pequena flor, semelhante a uma violeta branca, e as folhas, de facto, são parecidas com as da videira silvestre, a que chamam bríónia.

Ao ser comparada com o texto original, verifica-se que esta súpula elaborada por Amato Lusitano mais não é do que uma tradução literal do texto grego, correspondente ao primeiro período. E como se deixou entrever acima, este parágrafo descritivo do cardamomo já se encontra *ipsis verbis* nos Comentários de Marcelo Virgílio (1529: 35), uma edição bilingue.

1.1.1. A adulteração do cardamomo

Esta é uma grande preocupação de Amato, a que ele dá um grande espaço, logo no início da sua reflexão (*Iuditium nostrum*).

Quis caelum terrae non misceat, et mare caelo, si medici nostri temporis cum multa antiquorum medicamenta nobis aut penitus sint ignota, aut manca, prorsus nobis venerint, tamen ne illis videantur carere adulterinis medicamentis utantur, quae, aliquando praesentissimam mortem potiusquam salutem adferant, cum tamen illa pro veris et germanis venditent, quod in amomo in praesenti facile est videre.

Quem é que não há de querer misturar o céu com a terra e o mar com o céu, se os médicos do nosso tempo, ao desconhecerem completamente, ou em parte, muitos remédios dos nossos antepassados, embora estes não tenham chegado diretamente até nós, todavia, para que não pareçam sentir falta daqueles, usam eles remédios adulterados, que, por vezes, trazem mais rapidamente a morte do que a saúde, ainda que os vendam como verdadeiros e naturais, o que é fácil de verificar no que diz respeito ao cardamomo.

Da sua observação, o médico português vai adiantar que, em lugar do cardamomo, alguns médicos usam o gerânio ou então uma pequena semente, de cor preta, mas que pode trazer grande perigo para o doente:

Nam cum vero careant amomo botruoso, et velut uva, quidam eius loco quoddam geranii genere utuntur; nempe gruina nostra proferente et suave olente, ob idque moscata acus dicta herba, alii autem, ut officinarum vulgus, quoddam pro eo utuntur semine exiguo fusco non sine magno aegrorum periculo, cum frutex potiusquam semen sit amomum, cum illud ipsum ea ut subiicitur amomis simili scilicet planta, sed sine odore et semine adulterari soleat, ut Dioscorides his sequentibus verbis monstrat.

Na verdade, como sentem certamente a falta de cardamomo em forma de cacho, como um cacho de uvas, alguns médicos usam uma certa espécie de gerânio em vez deste. Na verdade, usam da nossa lobélia (*Lobelia gruina Cav.*) que se exhibe e que é suavemente odorífera e, por causa disso, esta planta medicinal é conhecida por agulha da moscadeira; outros, porém, como o vulgo das boticas, em substituição deste, usam uma certa semente pequenina e preta, com grande perigo para os doentes, visto que o cardamomo é um rebento e não uma semente, embora aquele mesmo, quando é substituído por esta planta, sem dúvida, semelhante aos cardamomos, mas sem perfume e sem semente, costume ser adulterado, como demonstra Dioscórides com as palavras que se seguem.

Diz o autor de Anazarbo, na pena de Amato, conforme se pode ler no *De materia medica libri quinque*:

Sunt qui amomum quae feminino genere amomis dicitur, planta amomo simili adulterant, sed sine odore et sine semine; ergo non temerarium fore nostrum iudicium putarim, multoque magis, cum dictis sequentia Dioscoridis verba subscripserimus, quae omnino nobis patrocinantur dicentia in huiusmodi rerum probationibus vitanda esse fragmenta, eligendaque illa, quae ab una radice integros ramos habeant.

Há aqueles que adulteram o cardamomo com uma planta semelhante a ele que, no género feminino, se diz *amomis*, mas sem perfume e sem semente. Portanto, não poderei pensar que este nosso juízo seja imprudente e isso muito mais quando nós havemos de subscrever as palavras seguintes com as afirmações de Dioscórides, palavras que são inteiramente patrocinadas por nós, e que dizem que na comprovação destes se devem evitar os que estão em fragmentos e devem ser escolhidos aqueles que são provenientes de uma única raiz e que tenham os ramos inteiros.

E por aqui se ficam as referências ao *De materia medica*. A consulta deste manual põe a descoberto que Amato omite por completo as propriedades medicinais desta planta, ali claramente mencionadas, a par de outras informações relevantes, como sejam as que apontam para diferentes variedades, com indicação da sua proveniência; nem esquece Dioscórides de dar indicações precisas para se escolher o melhor.

1.1.2. A substituição do cardamomo pelo cálamo aromático

Com o desenrolar do seu pensamento a aproximar-se do fim, Amato retoma a identificação do cardamomo e, na falta deste, aconselha a usar-se o cálamo aromático (*Acorus calamus L.*) em vez dele:

His iam luce clarius claret amomum fruticem non vero semen esse, sed in hoc magna vis non est, cum Andromachus descriptione sua dictae Galenae amomi uvae uti praecipit hoc sequenti carmine, me totidem drachmas et amomi postulat uva, quam utinam ad nos portassent, cum vero caremus amomo, quare interim dum eo caremus, consulerem eius loco accoro potiusquam illo trivialli, exiguo, nigroque semine ab officinis recepto uteremus, cum similem facultatem amomum acoro obtineat.

Com estas palavras, agora há de ficar esclarecido de uma vez por todas que o cardamomo é um rebento e não efetivamente uma semente; porém, nesta não existe um grande poder, como diz Andrômaco na sua descrição do dito cacho do cardamomo de Galeno, como recomenda na fórmula seguinte: e o cacho da uva de cardamomo exige-me precisamente tantos dracmas quantos tivessem transportado até nós, quando de facto temos falta de amomo. Por isso, às vezes, enquanto temos falta deste, eu aconselharia a que usássemos o cálamo aromático em vez daquele, de preferência a termos de usar aquela semente trivial, pequena e negra, recebida pelas boticas, uma vez que o cardamomo tem uma propriedade semelhante ao cálamo aromático.

Como se dizia acima, a integração do cristão-novo albicastrense no movimento humanista manifesta-se não apenas pelas autoridades antigas citadas, mas também pelas contemporâneas, em diálogo permanente com elas, sobrepondo à erudição livresca o valor da observação e da experiência:

... ut Galenus atque Aegineta huius rei auctores sunt, in praesenti tamen scimus Plinium Libro XII Capite XIII aliud a Dioscoride amomum novisse, ut ex eius pictura conicere est, reliqui vero ut botanologicis auctor amomum rosam Hiericantis esse dicunt, quibus etiam Marcellus Virgilius et Hermolaus Barbarus assentire videntur, quibus neque etiam nos omnino contradicimus.

... como Galeno e Egineta são autores desta matéria, sabemos também no presente que Plínio, no livro XII, capítulo XIII, conheceu uma outra espécie de cardamomo a partir de Dioscórides, como se pode conjecturar a partir da sua representação; de facto, como os restantes botanólogos, dizem eles que o cardamomo é a rosa de Jericó. Com eles parecem concordar também Marcelo Virgílio e Ermolao Barbaro e nós também de forma alguma os contradizemos.

Veja-se a menção a dois protagonistas contemporâneos, o médico Ermolao Barbaro (1434-1493), patriarca de Aquileia, e o humanista da República de Florença, Marcelo Virgílio (1464-1521), autor de uma edição greco-latina, que ostenta o título abreviado «*De medica materia libri V*», com tradução e comentário latinos, publicada na cidade de Colónia, em 1529 e já acima referenciada.

2. AS *IN DIOSCORIDIS ENARRATIONES*

Estes comentários de Amato Lusitano no *Index* haviam de ser desenvolvidos numa nova publicação, em 1553, que veria a luz do dia na cidade de Veneza e, cujo título, abreviado, ostentava *In Dioscoridis Enarrationes*. Esta obra, concluída já em terras italianas, mais propriamente em Ferrara, muito ficaria a dever à sua experiência acumulada enquanto mercador e médico, mas também de professor na universidade desta cidade, onde havia de ganhar merecida fama. À cidade do rio Pó terá chegado no início da década de quarenta, depois de longa e penosa viagem desde Antuérpia, a convite do Duque de Ferrara, Hércules II.

Amato Lusitano não tinha ficado satisfeito com o seu primeiro livro de juventude, como ele próprio diz no prólogo ao leitor. Dos quatro livros prometidos, só publica dois, e por insistência dos amigos, pois as correções tinham transfigurado completamente o original. E conclui, solicitando ao leitor que aguarde pelos restantes para mais tarde («... *et ceteros in dies expecta*»)¹⁷.

¹⁷ Mora 2012: 31-32.

A maior experiência adquirida enquanto médico, professor e nas funções de mercador, em muito contribuiu para esta segunda obra, a obra da maturidade.

No seu título, Amato volta a indicar dois tipos de público a quem interessam os seus comentários – por um lado, os perfumistas e boticários, por outro, os amantes das *litterae humaniores* (*non solum officinarum seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur*) – apontando aparentemente o motivo por que menciona estes últimos, pois apresentam os nomes dos simples em grego, em latim, em italiano, em língua hispânica, em língua germânica e em francês. Por aqui se pode aferir a erudição de Amato, um poliglota de sete línguas, pois o hebreu ser-lhe-ia familiar, o que lhe há de permitir um comentário a Dioscórides, com conhecimento do texto e dos seus comentadores¹⁸. Recorde-se que o *De medica materia* fora traduzido por Ermolao Barbaro e Jean de Ruelle, sendo as duas traduções publicadas em 1516; mais tarde, em 1544, na cidade de Veneza, viria a lume a tradução do italiano Pietro Andrea Mattioli (1501-1577); um ano depois, o espanhol Andrés Laguna faria a sua tradução para espanhol, com publicação em Antuérpia.

Nos *Comentários*, como geralmente acontece, ele retoma os assuntos do *Index*, neste caso, o cardamomo. O número da entrada, também no Livro I, é a mesma, isto é, a 14, agora em numeração arábica. Curiosamente, o mesmo número atribuído por Marcelo Virgílio. Contudo, na edição grega, Dioscórides tratava deste arbusto na entrada 15.

A disposição do texto, na entrada, é ligeiramente diferente: em primeiro lugar, a designação que, no caso do cardamomo, apresenta uma evolução, quando se compara a transcrição do *Index* com esta das *Enarrationes*:

Graece, *amomon*; Latine, *amomum*; *succedaneum amomi, radix acori, id est, crassa galanga*.

Em grego, *amomon*; em latim, *amomum*; o sucedâneo do amomo é a raiz do ácoro-verdadeiro, isto é, o caule tuberculoso da galanga.

Como se verifica, a entrada aponta agora claramente para uma evolução do pensamento de Amato. O humanista, como já disse Ricardo Jorge¹⁹, vai agora identificar o ácoro-verdadeiro ou cálamo aromático com o rizoma da galanga, um assunto que será desenvolvido no Comentário 17, quando fala do cálamo aromático. Por outro lado, também abandonou a identificação do cardamomo com a rosa de Jericó, como se verá abaixo.

A experiência entretanto acumulada ao longo de dezassete anos após a publicação do *Index*, leva-o a modificar a sua opinião e a citar uma das

¹⁸ Lemos 1955: 56.

¹⁹ Jorge 1962: 226.

autoridades contemporâneas mais respeitadas neste domínio, o italiano Pietro Andrea Mattioli, referido logo na abertura deste texto:

Ceterum qui amomum rosam hierichontis esse contendunt procul dubio errant, cum in ea planta, nec origani percipitur odor, quo sensum tentet, nec sapor aeris, gustum erodens, imo nec folia bryoniae in ea conspiciuntur. At Mathiolus Senensis cum nos uero carere amomo scire, ut illum tamen habeamus in Lusitaniam nos remittit, ubi ex India nunc delatum contendit, mea tamen sententia fallitur, cum hucusque amomum uerum incompertum sit, de quo Galenus Libro 6 de Facultatibus simplicium medicamentorum ita tradit: amomum acoro similem facultatem obtinet, nisi quod acorum siccus sit, maiore autem concoquendi facultate amomum.

Quanto ao resto, aqueles que sustentam que o cardamomo é a rosa de Jericó, sem dúvida que estão errados, uma vez que nesta planta, nem se nota o perfume do orégão, com que pode seduzir os nossos sentidos, nem o sabor do bronze, um gosto que corrói, nem se avistam nela as folhas da briónia. Porém, quando o senense Mattioli sabe que efetivamente nós temos falta de cardamomo, para que o possamos ter, reenvia-nos para a Lusitânia, onde se procura obtê-lo trazendo-o desde a Índia; todavia, ele engana-se segundo a minha opinião, visto que aqui o verdadeiro cardamomo é desconhecido. Assim diz Galeno no Livro VI *Acerca do poder dos remédios simples*: o cardamomo obtém um poder semelhante ao do ácoro-verdadeiro, exceto se o ácoro-verdadeiro for demasiado seco; para além disso, o cardamomo tem um maior poder de ser digerido.

Neste passo, em que Amato menciona Pietro Andrea Mattioli, pode dizer-se, no mínimo, que o médico português é irreverente, que a referência é pouco abonatória da pessoa daquele. Por isso é que o médico humanista italiano, natural de Siena, e um dos mais importantes comentadores e tradutores da obra de Dioscórides naquela época, lhe respondeu violentamente com a sua *Apologia adversus Amatam Lusitanum*, de 1558²⁰, uma polémica que já foi objeto de aturado estudo por Valderas²¹. E foi este facto que apressou a fuga do médico albicastrense, que estava na pequena república de Dubrovnik, mais conhecida pela sua designação italiana de Ragusa, para a sua derradeira morada de exilado no Império Otomano²², na Grécia, onde viria a falecer em 1568. Uma notícia que nos é dada pelo poeta eborense Diogo Pires (1517- 1599)²³, seu amigo e companheiro de infortúnio, num epitáfio em quatro dísticos, que há muito

²⁰ Vem a propósito registar que, para este artigo, tive acesso ao manuscrito da sua tradução, elaborada por António Guimarães Pinto e anotada por Jorge Paiva. Vide, a propósito, Pinto 2013: 161-186.

²¹ Valderas 2000 e 2003.

²² Andrade 2010: 37.

²³ Ramalho 1988: 121-137; André 1983: 16.

mereceu o estudo de Américo da Costa Ramalho²⁴ e onde se aponta a peste como a causa próxima da sua morte.

Por outro lado, contrariando aquilo que havia dito no *Index*, o médico e humanista albacastrense vai agora dizer que estão errados aqueles que identificam o cardamomo com a rosa de Jericó.

3. OUTRAS REFERÊNCIAS AO CARDAMOMO

A referência à Índia, neste excerto das *Enarrationes*, traz-nos quase de imediato à nossa memória a gesta dos descobrimentos portugueses, que favoreceram o desenvolvimento da ciência e a afirmação de um novo espírito, de natureza científica, que tanto havia de beneficiar com a valorização crescente do experimentalismo como critério de verdade. Uma atitude que tantas vezes contrariava a *auctoritas* dos Antigos e que ganhava expressão, entre nós, com Pedro Nunes, famoso cosmógrafo, D. João de Castro ou Garcia da Orta, na primeira metade do século XVI²⁵.

Dez anos após a publicação deste tratado, as *Enarrationes*, vêm a lume, na cidade de Goa, em vernáculo, *Os Colóquios* de Garcia da Orta, cuja celebridade muito fica a dever-se ao médico e botânico flamengo Carlos Clúsio, que fez a sua tradução para a língua latina – a publicação do epítome data de 1567, em Antuérpia –, a língua universal usada na redação dos tratados científicos nesta época, e cuja tradição se estendeu até ao séc. XVIII, como se sabe. Ao cardamomo vai dedicar o médico natural de Castelo de Vide, também ele cristão-novo, o *Colóquio Quarto*. A sintonia de pensamento com Amato é evidente: as dúvidas, que são muitas, para a identificação do que é o verdadeiro cardamomo; que em lugar dele alguns aconselham o uso do ácoro; apresenta «Mateolo Senense» a chorar a perdição do cardamomo, uma imagem pouco abonatória; também se nega a identificação do amomo com a rosa de Jericó; que não nasce na Índia, mas na região da Ásia²⁶. Uma proveniência mencionada já em Teofrasto (*H.P.* 9.2), cuja obra havia de inspirar Dioscórides, médico naturalista contemporâneo de Plínio-o-Antigo (c. 24 – 79 d. C.) que, curiosamente, não é aqui citado por Amato Lusitano. Neste contexto, convém referir que é o naturalista romano que, para além da região da Ásia, onde se dá bem – *Nascitur et in Armeniae parte quae vocatur Otene et in Media et in Ponto* (12.49) –, aponta a Índia como a região de proveniência do amomo – *Amomi uua in usu est ex Indica uite labrusca* (12.48).

As referências literárias seguras a esta planta situam-se numa comédia de Plauto, *O Truculento* (v. 540), quando se menciona o cardamomo vindo do Ponto,

²⁴ Ramalho 1985: 216-217.

²⁵ Almeida 1998.

²⁶ Orta 1891: 59-64.

e em Virgílio, na *Bucólica IV.25*, quando se diz que o amomo assírio nascerá por toda a parte²⁷. Da mesma família do *amomum cardamomum L.* não é o amomo referenciado na *Bucólica III.89*, que em João Pedro Mendes se identifica com o *cissus vitiginea*²⁸.

²⁷ Munguía e Ripa 2009: 211.

²⁸ Mendes 1997: 214.

BIBLIOGRAFIA FINAL

- Almeida, Onésimo T. (1998), «Sobre a revolução da experiência no Portugal do século XVI: na pista do conceito de “Experiência a Madre das Cousas”», in Earle, T. F. (ed.), *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Oxford-Coimbra, 1617-1625 (adaptado), disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e34.html> (consultado em 2015.07.17).
- Amato Lusitano (1536), *INDEX DIOSCORIDIS. / En candide Lector. / HISTORIALES DI- / oscoridis campi, Exegemataque sim- / plicium, atque eorundem Collationes / cum his quae in officinis habentur, ne / dum medicis et Myropolio- / rum Seplasiarijs, sed Bona / rum literarum studio / sissimis perquam / necessarium / opus. / IOANNE RODERICO CASTE / li albi Lusitano autore. / EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- / dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.*
- Amato Lusitano (1553), *IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQVE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Offinarum Seplasia- | riis, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | VENETIIS. MD LIII. | [Venetijs apud Gualterum Scotum | M.D.LIII.]*
- Amato Lusitano, (1564), *Amati Lusitani physici praestantissimi, Curationem medicinalium centuriae duae, primae et secunda, multiplici variaque rerum cognitione refertae*. Parisiis, apud Sebastianum Niuellium, 37 (Cent. I, Curat. II: Curatio Secunda apud Belgas habita, in qua agitur de colici doloris curatione).
- Amato Lusitano, (1560), *Amati Lusitani physici praestantissimi, Centuriae duae, quinta videlicet ac sexta, in quarum ultima curatione continetur colloquium eruditissimum, in quo doctissime disputatur, et agitur de curandis capitis vulneribus...* Venetiis, ex officina Valgrisiana, 106-107 (Cent. V, Curat. LXX: Curatio Septuagesima, in qua docetur quod propagines venae aiugos, id est, venae paris expertis, coniunguntur ramulis venae cauae, thoracis internas partes nutrientibus).
- Amato Lusitano (2010) (João Rodrigues de Castelo Branco), *Centúrias de curas medicinais*. Prefácio e tradução de Firmino Crespo. Lisboa. Vols. I e II.
- Andrade, António M. L. (2007), «De Ferrara a Lisboa: tribulações do cristão-novo Alexandre Reinel, preso no cárcere do Santo Ofício»: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 7: 88-131.
- Andrade, António M. L. (2010), «Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia» in Inês de Ornelas e Castro & Vanda Anastácio (eds.),

Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento. Lisboa, 9-49.

Andrade, António M. L. (2011), «A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e Duarte Gomes»: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11: 87-130.

Andrade, António M. L. (2013), «Dioscórides renovado pela mão dos humanistas: os comentários de Amato Lusitano», in Cármen Soares (ed.), *Espaços do Pensamento Científico da Antiguidade*. Coimbra, 71-90 (URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc).

Andrade, António Manuel Lopes (2015), «Garcia da Orta and Amato Lusitano's views on *Materia Medica*: a comparative perspective», in Costa, Palmira Fontes da (ed.), *Medicine, Trade and Empire. Garcia de Orta's Colloquies on the Simple and Drugs of India (1563) in Context*. Farnham, Ashgate, 147-166 (<http://www.ashgate.com/isbn/9781472431233>)

André, Carlos A. (2013), «O humanismo Português, a sua identidade e as suas contradições», in Andrade, António, Torão, João, Costa, Jorge, Costa, Júlio (eds.), *Humanismo, Diáspora e Ciência (Séculos XVI e XVII): estudos, catálogo, exposição*. Porto, 17-40.

André, Carlos A. (1983), *Diogo Pires. Antologia Poética*. Coimbra.

Fausti, Daniela (2010), «Sul alcune traduzioni cinquecentesche di Dioscoride: da Ermolao Barbaro a Pietro Andrea Mattioli», in Garofalo, Ivan, Fortuna, Stefania, Lami, Alessandro e Roselli, Amneris (eds.), *Sulla tradizione indiretta dei testi medici greci: le traduzioni*. Pisa – Roma, 181-2015.

Gouveia, A. J. Andrade de (1985), *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo*. Lisboa, 7.

Lemos, M. (1927), «Amato Lusitano. Correções e aditamentos», *Revista da Universidade de Coimbra* 10: 6.

Jorge, R. (1962), *Amato Lusitano: comentos à sua vida, obra e época*. Lisboa.

Lemos, M. (1955), «Os trabalhos científicos de Amato», in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Castelo Branco.

Mendes, J. Pedro (1974), *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Com texto, tradução e notas. Coimbra.

Munguía, S. Segura, Ripa, J. Torres (2009), *Historia de las plantas en el mundo antiguo*. Bilbao-Madrid.

Orta, Garcia da (1891), *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Edição dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa, 59-64.

Ramalho, Américo da C. (1985), *Latim Renascentista em Portugal. Antologia*. Coimbra.

Torrão, João M. N. (2013), «Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização

do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)», in Pimentel, Maria C., Albert, Paulo F. (eds.), *Vir bonus peritissimus aequé. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, 601-609.

Valderas, J. M. (2000), «La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano», *Collectanea Botanica* 25, 2: 255-304.

Valderas, J. M. (2003), «Mattioli contra Lusitano. II. Las “censuras” y la interpretación de Dioscórides», *Collectanea Botanica* 26: 181-226.

Virgílio, Marcelo (1529), *Pedacii Dio / scoridae Anazarbei, / De medica Materia Libri V. / De Letalibus Venenis, Eorumque / precautione & curatione. De cane rabido: Deque notis quae / morsis ictusue animalium uenenum relin- / quentium sequuntur: Deque eorum curatione LIB. VNVS. / Interprete Marcello Vergilio / Secretario Florentino. / EIVSDEM Marcelli Vergilii in hosce Dioscoridis libros commen / tarii doctissimi, in quibus praeter omnigenam variamque eruditionem, col / latis aliorum interpretum uersionibus, suae translatiois ex utriusque lin / guae autoribus certissima adferuntur documenta. Morborum praete / rea atque humani corporis uitiorum gnue somne, quo subinde me- / minit Dioscorides, diligentissime explicatur. / COLONIAE / OPERA ET IMPEN / SA IOANNIS SOTERIS, NA- / NO MDXXIX. / mense Augusto. / Com gratia & priuilegio Imperiali, ad Sexennium.*